

## O Santíssimo Nome de Jesus

*O Novo Ano começa sob a invocação do Santo Nome e de Maria, Mãe de Deus*

Grandes festas marcam o início do ano civil: a Solenidade de Maria, Mãe de Deus em 1º de janeiro, também proclamado Dia Mundial da Paz; a festa do Santíssimo Nome de Jesus, em 3 de janeiro; e a Epifania do Senhor, uma das principais festas dos cristãos orientais, na comemoração da revelação de Deus Salvador para todas as nações do mun-

do, com a adoração dos sábios do Oriente.

**Página 3 e Devoção do mês, página 4**

Algumas comemorações da quinzena:

01/01 – Santa Mãe de Deus, Maria; Dia Mundial da Paz  
03/01 – Santíssimo Nome de Jesus  
05/01 – Epifania do Senhor



### ***Maria, Mãe de Deus: verdade de fé***

A Santíssima Virgem é Mãe de uma Pessoa Divina, de Cristo, do todo, sem ter gerado a Divindade (natureza e pessoa divinas), nem a alma, mas somente a matéria corporal que recebeu essa alma.

**Apologética – página 4**

### ***Epifania do Senhor***

Mesmo para os que estão teoricamente fora do plano da graça, Deus mostra sua estrela, para que se convertam, procurem a luz, louvem, adorem e mudem de caminho.

**Página 2**

### **Índice de colunas**

Apologética .....	4
Devoção do mês .....	4
Notícias da Igreja .....	1

#### EXPEDIENTE

3º Milênio é um informativo de divulgação de iniciativa pessoal, sem fins lucrativos. Todos os artigos publicados são resultado de pesquisas em livros católicos, a maioria com aprovação de autoridade eclesiástica competente.

Redação e diagramação: Maria Alice Soares de Castro

Este informativo pode ser copiado e impresso, desde que seja distribuído gratuitamente e sem alterações. Qualquer modificação deve ser comunicada para o endereço tresmil@zipmail.com.br. Reproduções dos artigos integrais são permitidas, desde que citada a fonte, com o endereço de e-mail para contato e o endereço do site para referência:

<http://brasil.terraviva.pt/Claridade/2154/>

#### Notícias da Igreja

O Rosário pode contribuir para a união, diz teólogo protestante

*Se contemplado como oração cristológica, como sugerido pelo Papa*

ROMA, 12 DEZ., 2002 (Zenit.org).- O Rosário encontrou um fã incomparável em um proeminente teólogo protestante.

A recente carta apostólica de João Paulo II “Rosarium Virginis Mariae” declara: “Percorrer com Ela [Maria] as cenas do Rosário é como freqüentar a “escola” de Maria para ler Cristo, penetrar nos seus segredos, compreender a sua mensagem”. O rosário pode até promover o ecumenismo, afirma o Papa.

Esta é uma posição compartilhada pelo professor Stephan Tobler da Universidade de Tübingen, na Alemanha, teólogo evangélico da Reforma, relatou a Rádio Vaticano.

“Devo dizer que eu a li de uma só vez”, disse Tobler sobre a carta apostólica. “É uma carta de uma profundidade espiritual e teológica que eu não estava esperando – uma carta que respira uma dimensão evangélica, que me surpreendeu muito”.

“A carta diz que é necessário relançar o rosário como uma oração Cristológica”, ele acrescentou. “De fato, ela faz isso, da primeira à última linha”.

Quando o documento alude “à graça que Maria nos dá quando rezamos a Ela”, ela fala da graça que Deus nos dá quase das mãos de Maria, “mas com um ‘quase’ como se dizendo que ela [a graça] ‘está e não está’ [nas mãos de Maria]”, disse o teólogo.

“Portanto, é introduzida desta forma na dinâmica do Deus Trinda-

de, que vejo como próximo da sensibilidade dos Reformadores que apreciam a figura de Maria, mas somente se isso não diminui o olhar para Jesus, o Espírito Santo, o Pai”, disse ele.

Nesse contexto, as comunidades da Reforma podem ser encorajadas pelas palavras do Papa, disse o teólogo.

“Penso que as igrejas evangélicas podem redescobrir Maria como a imagem da pessoa completamente aberta a Deus com seu ‘fiat’, com seu ‘faça tudo o que ele vos disser’, com seu ficar ao pé da cruz, com sua presença silenciosa entre os discípulos”, disse o professor Tobler.

“Nesta carta, o Papa enfatiza que o rosário, mais que uma oração de palavras, é uma contemplação do mistério”, continuou. “Certamente a sensibilidade e busca de hoje é primeiro redescobrir um lugar onde o coração repousa, onde a alma contempla os mistérios de Deus e também as maneiras pelas quais isso é possível. Nós, em nossas tradições, devemos redescobrir os modos que são equivalentes, a analogia”.

Tobler acrescentou uma nota de otimismo sobre ecumenismo: “Estou convencido de que se os Católicos rezarem o rosário como proposto nessa carta apostólica, e se os evangélicos reconhecerem e redescobrirem sem preconceitos esta nova forma de conceber o rosário, então será uma ocasião favorável. Mas devemos trabalhar nisso”.

ZEO2121220 (tradução: Maria Alice)

## Epifania do Senhor

“Já tinham sido chamados os pastores, mas Jesus Cristo viu que havia muito mais gente por chamar, e chamou os reis” (S. João de Ávila).

A teologia patrística via, na visita dos magos a Jesus, um indicador do paganismo e da magia curvando-se diante do poder de Cristo, como que inaugurando uma nova era, na qual o homem deixa a bruxaria e passa a ingressar no terreno da religião, no sentido de uma re-ligação com o Deus que salva e faz história com o ser humano.

A figura da estrela que guia os magos é o “sinal de Deus”, revelador do início de uma nova caminhada espiritual. Na cultura oriental, o símbolo da estrela tinha duplo sentido: nascimento e luz. Em Jesus, esses sentidos se entrelaçam.

A tradição da origem diversa dos magos (sábios) do Oriente, representando os pagãos e todos os povos do mundo, também simboliza a universalidade da salvação trazida pela Encarnação do Verbo. Mesmo para os que estão teoricamente fora do plano da graça, Deus mostra sua estrela, para que se convertam, procurem a luz, louvem, adorem e mudem de caminho.

### A estrela some em Jerusalém

Em determinado momento, os magos parecem “desprezar” a condução de Deus (a estrela), pensando em encontrar segurança apoiando-se em auxílios humanos. Assim, entram na grande cidade de Jerusalém, dirigindo-se ao palácio de Herodes para pedir informações.

Considerando também que o palácio era um lugar em que as virtudes não eram conservadas, e que o Espírito de Deus não habita onde há pecado e opressão, torna-se fácil entender o desaparecimento da estre-

la nesse momento. Tanto assim que, depois de partirem do palácio, deixando para trás suas coisas materiais e seus pecados, os magos puderam ver, outra vez, a estrela-guia. Eles perseveraram em sua busca, e a estrela os conduziu até onde estava o Menino.

### Adoraram o Deus-Menino

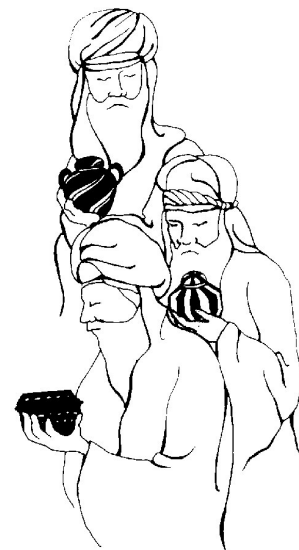
Os magos “não se limitaram a descobrir a cabeça ou a dobrar o joelho, mas prostraram-se (cf. Mt 2,11), de onde se vê que o fizeram porque estavam na presença de Deus. Adorar é lançar-se ao chão, isto é, reconhecer-se um punhado de terra e um nada diante de Deus. Vós passais por aquele sacrário tão indiferentes que nem sequer inclinais a cabeça. Parece que vos aproximais do altar como quem chega para se divertir. Muitas missas serão celebradas para vosso castigo ao invés de, como pensáveis, para premiar-vos. O povo de Israel mantinha-se a uma distância de *dois mil passos* (cf. Jos 3,4) da Arca da aliança, e vós estais em torno do altar: deveis assistir à missa com reverência e não vir à igreja logo depois de um divertimento, sem maiores preparações.” (S. João de Ávila).

### Ouro, incenso e mirra

A Igreja adora Jesus pela metáfora dos símbolos da Epifania, reconhecendo sua realeza (o ouro), glorificando sua divindade (o incenso) e louvando sua encarnação, paixão e morte (a mirra) por amor aos homens. Por esses três fatores principais, mesmo sem compreender bem o mistério, também os magos e os pastores o adoraram.

O ouro, reconhecido atualmente como símbolo de riqueza, acaba nos sendo motivo de queda pela ambição de poder. Por isso, seja todo nosso ouro depositado aos pés do Menino, para que não nos escravizemos com seu brilho.

O incenso também é desejado pelos homens, na forma de elogios e adula-



ções, louvores e agradecimentos, prazeres e admiração, numa verdadeira idolatria! Mas “nada é adorável fora de Deus”. Mortifiquemos nossa soberba, doando nosso serviço, orações e serviço como incenso perfumado ao Deus-Menino.

A mirra, símbolo de sofrimento, essa não queremos para nós, mas a impingimos ao próximo com nossos pecados. Porém, assim como a mirra foi aceita e fez parte da vida de Jesus, também a mirra faz parte da caminhada da Igreja e dos cristãos – junto com o ouro e o incenso.

### Voltaram por outro caminho

Ninguém, tendo se deslocado para encontrar a Deus, segue em caminhos de pecado e erros como antes de se encontrar com Ele. O fato dos magos terem retornado a suas terras por outro caminho, depois de adorar o Menino, representa a conversão de vida, a descoberta de uma nova rota, o seguimento do verdadeiro Caminho que é Jesus.

(Fontes consultadas:

*O Mistério do Natal*, de S. João de Ávila – Ed. Quadrante; *A revelação de Jesus na visita dos “Reis Magos” a Belém*, de Antônio Mesquita Galvão – Ed. Ave-Maria)

## 1º de janeiro: Solenidade de Maria, Mãe de Deus

Maria é Mãe de Deus porque gerou alguém que é Deus. Não é, porém, Mãe da Divindade ou da natureza divina; é Mãe de uma Pessoa Divina enquanto produziu, *no tempo*, a natureza humana dessa Pessoa.

É mãe em **sentido próprio**. Pois o sujeito gerado é Deus ou uma Pessoa Divina e não uma pessoa humana que depois foi feita Deus. O Filho da Virgem é Deus no momento da concepção. No mesmo instante em que foi homem, foi Deus e homem, porque a natureza humana de Jesus

estava destinada a subsistir, unida à natureza divina, na Pessoa eterna do Verbo.

Maria diz-se Mãe de Deus, não como uma mulher se diz mãe do rei porque gerou um filho que depois se tornou rei. O filho da Santíssima Virgem não se divinizou em determinada altura, não. Devemos, sim, afirmar: «*A segunda Pessoa da Santíssima Trindade, em determinado momento da história, tornou-se também filho de Maria*».

(Fonte: *Maria no plano de Deus*, J. Armindo Carvalho)

## O Santíssimo Nome de Jesus

O próprio Deus revelou o Nome a ser imposto ao Verbo Encarnado, para significar a sua missão de Salvador do gênero humano. É um nome grande e eterno, poderoso e terrível, vitorioso e misericordioso, o único que nos pode salvar. É melodia para o ouvido, cântico para os lábios e alegria para o coração... *“Ilumina, conforta e nutre; é luz, remédio e alimento”* (S. Bernardo).

A devoção ao Santíssimo Nome de Jesus, já arraigada na Igreja desde o seu início, foi pregada e inculcada de modo particular por *São Bernardo*, por *São Bernardino de Sena* e pelos Franciscanos, os quais difundiram pequenos quadros trazendo as letras do Nome de Jesus.

### História e significado do Santo Nome

No caminho para a capela na qual São Felipe orava, em Monte Spaccato, percebem-se algumas inscrições reproduzidas na pedra ao lado do atalho: círculos com a inscrição **YHS**. Elas foram reproduzidas pelo próprio São Bernardino, pois era sua missão proclamar o Nome de Jesus, e foi daquela forma que ele abreviou o Nome Santo, embora outros o tenham substituído pela forma mais familiar **IHS**.

O nome “Jesus Cristo” nos foi dado em grego, e pode ser escrito em letras maiúsculas greegas deste modo:

#### IHCOYC XPICTOC

Por séculos, a forma padrão de abreviar este nome foi usar simplesmente a primeira e a última letras, **IC XC**, como se encontra na maioria dos ícones orientais. São Bernardino, no começo do século 15, mudou tudo, escolhendo usar as duas primeiras letras com a última, portanto **IHC** e **XPC**. A letra grega “c” é na verdade um “s”; então era natural escrever **IHS XPS**, forma na qual o Nome Santo se tornou muito familiar.

Mas por que São Bernardino quis inserir o “h” (que é, na verdade, um “é”)? E por que mudar o “i” em “y”, uma letra não usada em italiano nem em latim? A resposta é que estudiosos cristãos cabalísticos deram atenção ao fato de que o Nome de Jesus, em sua forma original hebraica, contém as quatro letras no Nome *Impronunciável de Deus* revelado no Antigo Testamento. Com o acréscimo de duas letras hebraicas extras, tor-

na-se pronunciável o Nome Impronunciável.

O Nome revelado a Moisés no Êxodo (Ex 3) é apropriadamente escrito apenas com consoantes, **YHWH**. De acordo com uma tradição de 3.000 anos, não é permitido tentar pronunciá-lo, e ninguém realmente saberia como fazê-lo, mesmo se pudesse ser feito.

Isso porque o Nome, **YHWH**, não é simplesmente um nome como outro qualquer: ele tem um significado, que é: nosso Deus é *Aquele que É*, o único Ser essencial, o “fundamento do nosso ser”. Nós apenas existimos por causa Dele. O Nome Inefável expressa que: Ele É e Ele Será. Revelando o Seu Nome a Moisés, Deus revelou algo absolutamente essencial sobre Ele e sobre a Sua relação com o Seu povo. Os deuses de outras nações têm nomes comuns como qualquer pessoa, Moloch ou Astarte, Diana ou Baco. Estes nomes nos dizem algo sobre as pessoas que os usam, mas não muito... São realmente nomes comuns que muitas pessoas poderiam usar, e São Paulo mesmo enumerou um Apolo e um Dionísio entre seus amigos. O Nome de Deus é diferente.

Mas, o Nome se tornou um nome humano, pelo acréscimo das letras hebraicas ‘shin’ e ‘ain’ às quatro originais, produzindo *Yehoshuwah*; a forma hebraica do nome que conhecemos por *JESUS*. Assim o Nome Divino se torna um nome humano, o inacessível e impronunciável se torna próximo e familiar. Assim Deus se torna um de nós, e o Nome realmente é “Emmanuel – Deus conosco”.

A São José é dado o tremendo privilégio de Lhe dar o Nome: “Ela dará a luz um filho e tu lhe porás o nome de Jesus”. Assim fazendo, São José transfere para a criança a plenitude da rica herança de Israel, tornando Nosso Senhor o herdeiro de todos os nomes que lemos nas genealogias de Mateus e Lucas.

O Nome é dado novamente por Pôncio Pilatos, pela forma hebraica da inscrição na Cruz, usando as quatro letras do Nome Divino como as iniciais das quatro palavras: *Jesus de Nazaré, Rei dos Judeus: **Yeshu Ha-Nozri, WaMelek Ha Yehudim***.

Não é de se admirar que os chefes

dos sacerdotes tivessem ficado tão preocupados com tal inscrição! (Jo 19,19-22) Pois Pilatos, de improviso, escreveu – e para todo o mundo ver! – que o seu galileu crucificado é o Deus eterno, o Criador, assim como o Redentor do Mundo!

### A devoção

Nós não podemos pronunciar o Nome do Êxodo, mas nós podemos, e devemos, pronunciar o Nome de Jesus, como São Paulo e todos os escritores espirituais subseqüentes enfatizaram.

São Bernardino de Sena, como todos os grandes pregadores, não estava ensinando algo novo, mas lembrando a seus ouvintes do que eles já deveriam ter plena consciência. Ao pregar, ele costumava segurar uma pequena prancheta de madeira, na qual o monograma **IHS** que ele privilegiava, era circundado por doze raios de luz, e ele encorajava “cada joelho a se dobrar” perante o monograma.

A devoção ao Nome Santo espalhou-se pela Europa com rapidez surpreendente. Em 1432, o Papa Eugênio IV emitiu uma Bula promovendo a devoção ao símbolo **IHS** escrito.

A devoção popular levou à composição de um Ofício do Nome Santo, e ao estabelecimento de um dia comemorativo. Em Camaiore di Luca, na Itália, começou-se a celebrar a festa, depois de aprovada para a Ordem dos Franciscanos (1530) e sob o pontificado de Inocêncio XIII (1721), estendida a toda a Igreja.

O dia da festa variou através dos séculos, mas muitos o lembram como o domingo depois do Natal, até 1969, quando foi suprimido. O Santo Padre João Paulo II, na mais recente edição do Missal Romano, restabeleceu a Festa do Santíssimo Nome de Jesus no dia 3 de janeiro.

(Fontes consultadas: Missal Romano e sinopse feita por Jerome Bertram do livro *O Nome Divino na Sagrada Escritura*, do Pe. Michael Lewis. Traduzido por Luciene Lopes – AVVD de João Pessoa, PB – e Armando Tomzhinski – AVVD do Rio de Janeiro, RJ – <http://www.tlig.org/>)

*Tudo o que podeis dizer ou fazer, fazei-o em nome do Senhor Jesus, dando graças, por ele, a Deus Pai. (Col 3,17)*

## Apologética

**Maria, Mãe de Deus: verdade de fé**

Uma vez definido o dogma da Maternidade Divina, é função da teologia, iluminada pela fé, mostrar as razões da verdade dogmática revelada. Pelo que já vimos anteriormente, é fácil apreender essas razões.

**1ª- Pelo mesmo dogma da Encarnação:** «É verdadeira Mãe de Deus, a que concebe e gera uma pessoa que é Deus. Ora, a Santíssima Virgem concebe e gera a pessoa de Cristo que é Deus, e é-o certamente desde a concepção, de tal modo que nunca foi homem sem ser Deus. Logo a Virgem Santíssima é verdadeiramente Mãe de Deus» (Merkelbach, op. Cit., p. 74).

A pessoa é o termo total da geração, embora só a natureza seja diretamente produzida pelos pais. Eles geram alguém porque comunicam a própria natureza. Ninguém, no entanto, se chama pai ou mãe de uma natureza, mas sim da pessoa que subsiste na natureza gerada. Vejamos um exemplo: a mãe de Antônio, dando-lhe somente o corpo, diz-se com toda a razão que gera a pessoa de Antônio, porque a mãe é mãe do todo (corpo e alma), da pessoa, se bem que diretamente só produza o corpo desse todo. Os pais preparam o corpo; Deus infunde a alma. Da união desses dois elementos, corpo e alma, procede a pessoa humana com o termo normal da natureza comunicada.

De igual modo, a Santíssima Virgem é Mãe de uma Pessoa Divina, de Cristo, do todo, sem ter gerado a Divindade (natureza e pessoa divinas), nem a alma, mas somente a matéria corporal que recebeu essa alma.

Como diz muito bem S. Tomás:

«Assim como o homem é um todo composto de alma e corpo, e seria uma sutileza inútil chamar a uma mulher mãe do corpo e não mãe da alma, assim também na geração de Cristo: o Verbo de Deus é gerado da substância do Pai, mas como Ele tomou um corpo humano e é necessário dizer que o mesmo Verbo nasceu, segundo a carne, de uma mulher. A Santíssima Virgem chama-se Mãe de Deus, não por ser Mãe da Divindade, mas porque é mãe segundo a natureza humana, de uma pessoa que possui a humanidade e a divindade» (S. Tom. Aq., *Summa*, III, q. 35. a. 4, ed2.).

**2ª- Pelas conseqüências da Encarnação.** Cristo, em razão da união hipostática, é uma Pessoa Divina, na qual subsistem a natureza divina e a humana. Se a esta Pessoa se podem atribuir realmente todas as coisas que lhe convêm segundo as duas naturezas, é evidente que se pode atribuir à pessoa divina (a Deus) tudo o que a Cristo convêm segundo a natureza humana.

Pode-se dizer em toda a verdade: «Deus é homem, Deus nasceu, Deus sofreu; e inversamente pode dizer-se também: Este homem é Deus. E falando assim não há perigo de confundir as naturezas de Jesus, pois os nomes concretos designam diretamente a pessoa e só indiretamente a natureza. Dizendo: Deus é hoje, quer-se dizer: esta pessoa que tem a natureza divina, tem também a natureza humana, e não que a natureza divina se confunda com a humana» (F. Rendeiro, ib., p. 256).

Ora, a Cristo convêm segundo a natureza humana ser concebido e ser

nascido da Virgem Mãe. «Ser concebido e nascer», diz São Tomás, «atribui-se à pessoa segundo aquela natureza na qual é concebida e nascida. E como no mesmo princípio da concepção a natureza humana foi assumida pela pessoa divina, pode-se dizer verdadeiramente que Deus foi concebido e nasceu da Virgem. Logo a Virgem Santíssima chama-se verdadeiramente Mãe de Deus» (S. Tom. Aq., *Summa*, III, q. 35, a. 4).

**3ª - Respondendo à objeção mais corrente:** «Maria, para ser Mãe de Deus, devia gerar a Cristo inteiro: humanidade e divindade».

Não. Não se exige que gere a Cristo sob todos os aspectos. Basta que o gere segundo uma natureza. É o que acontece também na ordem humana.

Ouçamos São Tomás: «Se alguém quisesse defender que a Virgem não se deve chamar Mãe de Deus, porque não foi tomada dela a divindade, mas só a carne, o corpo, como dizia Nestório, esse tal ignoraria claramente o seu idioma. Não se chama uma mulher mãe de alguém, porque tudo quanto há nele se toma dela. O homem consta de alma e corpo, e é mais homem por sua alma, do que pelo seu corpo. A alma do homem não se toma da mãe: é criada imediatamente por Deus. Assim como uma mulher se chama mãe de um homem porque dela toma o corpo, assim também a Virgem Santíssima deve chamar-se Mãe de Deus, se dela foi tomado o corpo de Deus» (S. Tom. Aq., *Comp. Theol.*, c. 222).

(Fonte: *Maria no plano de Deus*, J. Armindo Carvalho)

## Devoção do mês

**O Santíssimo Nome**

*“Deus o exaltou soberanamente e lhe conferiu o Nome que está acima de todo Nome, a fim de que ao Nome de Jesus todo joelho se dobre, nos céus, na terra e debaixo da terra, e toda língua confesse que Jesus Cristo é o Senhor, para a glória de Deus Pai.”* (Fil 2,9-11)

Cada vez que pronunciamos, amorosamente, o Nome de Jesus:

1º - damos grande glória a Deus.

2º - alcançamos grandes graças para nós mesmos.

3º - Ele, Jesus, nos livra de muitos males, doenças, dores e castigos.

4º - a Igreja nos concede Indulgência Parcial, que podemos aplicar às almas do Purgatório.

5º - Nosso Divino Salvador garante, nos Evangelhos, que tudo o que pedirmos ao Pai, em Seu Nome, receberemos.

Por isso a Igreja conclui as orações, na Santa Missa e no Ofício Divino, com o Nome de Jesus, garantia certa de alcançar o que pede.

Invoquemos com amor o Nome de Jesus em todas as circunstâncias. Basta apenas repetir, com muito amor, fé e ternura: *JESUS, JESUS, JESUS...*

Há também algumas jaculatórias (orações curtas) que aprendemos com o Santo Nome: *“Jesus, creio em Vós!” “Jesus, eu confio em Vós!”*

Afirma São Paulo: *“Com efeito, todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.”* (Rm 10,13)

(Fonte consultada: *O Santíssimo Nome de Jesus* – Pe. Paulo O’Sullivan – Ed. da Divina Misericórdia)